



DOCÊNCIA E TEA: O FAZER PEDAGÓGICO E O DESAFIO DA INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA

DOI: 10.5281/zenodo.14583302

Edineis Bandeira Barros

*Mestranda Acadêmico em Ciências da Educação, Facultad Interamericana de Ciencias Sociales, Igarapé-Açu, Belém, Pará, Brasil.
edineis05@hotmail.com*

Joseane Nazaré Rocha Da Silva

*Mestranda Acadêmico em Ciências da Educação, Facultad Interamericana de Ciencias Sociales, Igarapé-Açu, Belém, Pará, Brasil.
Josyrocha6020@gmail.com*

Maria Bárbara da Costa Cardoso

*Mestrado Acadêmico em Ciências da Educação, Facultad Interamericana de Ciencias Sociales, Igarapé-Açu, Belém, Pará, Brasil.
barbara.costa@csfx.org.br*

Francisco de Sousa Santos

*Pesquisador de temáticas educacionais, Av. Magalhães barata n:4295, Centro, Igarapé-Açu, Pará.
fssantos30@gmail.com*

RESUMO: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurológica que promove alguns déficits no desenvolvimento cognitivo e comportamental da criança. Uma das principais características apresentadas pela condição é dificuldade em socializar, interagir e comunicar-se, o que pode gerar dificuldades no acesso deste a escola. Além disso, algumas escolas podem não disponibilizar profissionais de educação especial, limitando o acesso desse público. Esse trabalho se justifica pela necessidade de entender como se dá e como pode ser melhorada a prática docente com o TEA, ressignificando os resultados pedagógicos desse processo interacionista de ensino e aprendizagem. Este trabalho tem como objetivo analisar o ressignificar da prática docente frente aos desafios do Transtorno do Espectro Autista (TEA), trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica realizada nas bases de dados Lilacs e Scielo, onde foram selecionados e filtrados artigos científicos que obedecem aos critérios de inclusão e exclusão. Os dados foram analisados pela técnica de Análise Textual Discursiva (ATD). Como resultado, o estudo identifica que os professores, em geral, sentem-se despreparados para atuar com o TEA, soma-se a isso, um ambiente educacional excludente quanto sua práxis. Um processo de aprendizagem de alunos com TEA só é eficaz e essencial a partir da ressignificação de práticas pedagógicas e arranjos didáticos que incluam e acolham as diferenças não sendo indiferentes.

Palavras-Chave: Espectro Autista. Educação Especial. Práticas Docentes. Desafios educacionais. Ressignificar.

ABSTRACT: Autism Spectrum Disorder (ASD) is a neurological condition that promotes some deficits in a child's cognitive and behavioral development. One of the main characteristics presented by the condition is difficulty in socializing, interacting and communicating, which can create difficulties in accessing school. Furthermore, some schools may not provide special education professionals, limiting access for this public. This work is justified by the need to understand how teaching practice with ASD occurs and how it can be improved, giving new meaning to the pedagogical results of this interactionist teaching and learning process. This work aims to analyze the reframing of teaching practice in the face of the challenges of Autism Spectrum Disorder (ASD), it is a bibliographic review research carried out in the Lilacs and Scielo databases, where scientific articles that comply with to the inclusion and exclusion criteria. The data were analyzed using the Discursive Textual Analysis (DTA) technique. As a result, the study identifies that teachers, in general, feel unprepared to work with ASD, in addition to this, an educational environment that excludes their practice. A learning process for students with ASD is only effective and essential based on the redefinition of pedagogical practices and teaching arrangements that include and embrace differences without being indifferent.

Keywords: Autism Spectrum. Special Education. Teaching Practices. Educational challenges. Resignify.



1. INTRODUÇÃO

Dificuldade na comunicação, interação e percepção de resultados de suas ações, essas são algumas das características de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estima-se que 9,8% da população brasileira possuem algum traço do espectro autista (IBGE, 2022). Este estudo aponta, com base em análises bibliográficas, os conceitos e as características sobre o autismo no contexto da prática docente. Além deste transtorno, faz-se uma análise sobre as diversas síndromes identificáveis geneticamente que apresentam quadros diagnósticos característicos que também estão englobadas no autismo. Nessa dissertação, será abordada os possíveis rumos pedagógicos que a escola e professores devem seguir para a uma educação inclusiva da criança autista.

É de conhecimento público que o autismo é o causador de muitos distúrbios nas interações sociais. De acordo com Miranda, Donnellan & Yoder (1983), esses distúrbios podem ser identificados nos primeiros anos da criança, através do contato olho a olho anormal, uma vez que o diagnóstico em casa é uma tarefa fácil, no entanto, existem sinais que podem ajudar os pais a procurarem ajuda de um especialista. Nesse contexto, existe um grande desafio que envolve os pais e que pode atrapalhar o desenvolvimento da criança quando o diagnóstico é tardio, principalmente porque os pais temendo o diagnóstico, não buscam auxílio, o que dificulta um tratamento precoce dessa criança.

Sobre o TEA, é preciso enfatizar que a caminhada é longa e árdua. Cada profissional apresenta uma opinião diferente baseado em sua experiência, e ainda pode acontecer de encontrar alguns que digam que a culpa é da mãe, aumentando, ainda mais, a indecisão, a dúvida e a insegurança. Quando finalmente chega o diagnóstico, se inicia uma fase dolorosa para os pais: a negação. Uma característica bem marcante do espectro, está relacionada com a forma que a informação sensorial em autista é processada. Nestas crianças, a reação a alguns estímulos se dá de maneira excessiva, enquanto a outros reage debilmente. É comum que esta criança se "ausente" do ambiente que o cerca a fim de bloquear os estímulos externos que lhe parecem avassaladores (Mendes, 2022).

Além de conviver com os sintomas físicos e intelectuais do transtorno, as crianças lidam com um grande isolamento nas relações interpessoais. A criança deixa de explorar o mundo a sua volta permanecendo em vez disso em seu universo interior. Quando aparece nos três



primeiros anos de vida, compromete as habilidades de comunicação e interação social (Oliveira, 2020). Existe um grande esforço do governo voltado para ajudar os pais a estarem atentos aos seus filhos. Em maio de 2013 foi lançada a quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), que trouxe algumas mudanças importantes, entre elas novos diagnósticos e alterações de nomes de doenças e condições que já existiam. O autismo, assim como ASPERGER, foi incorporado a um novo termo médico, chamado de Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). A Síndrome de Asperger agora é considerada, uma forma mais branda de autismo. Os pacientes são diagnosticados apenas em graus de comprometimento, dessa forma o diagnóstico fica mais completo (Mariano, 2019).

O autismo influencia em diversos aspectos na vida da criança e não tem cura, porém, possui tratamentos que podem melhorar expressivamente o desenvolvimento. Segundo Lacerda (2017), o TEA pode ter diferentes graus, indo desde um grau mais leve, onde apenas pessoas próximas ao indivíduo percebem, ou a um grau grave, que é percebido por mais pessoas pois prejudica o sujeito em realizações de simples atividades como interagir ou comunicar-se. Considerando que o TEA pode ter diferentes diagnósticos e tratamentos, pelos diferentes tipos de déficits que a condição pode apresentar, um dos desafios enfrentados pelo autista é a inclusão deste em sala de aula. Essa dificuldade estende-se a estrutura escolar, ao corpo de funcionários da escola, aos professores e a família da criança autista.

A inclusão do aluno autista em sala de aula requer uma série de formações continuadas que incide na formação do professor da educação especial, que precisa ter competência e habilidades para lidar e ensinar esse aluno, independente do grau do TEA. Necessidade que encontra diversas problemáticas, pois alguns professores não têm preparação pedagógica para ensinar o aluno autista, e para lidar com seus diferentes comportamentos dentro de sala de aula, como a não interação com outros colegas, a hipersensibilidade a barulhos, a pose de alguns objetos, a repetição de movimentos e falas, entre outros (Ângelo, 2021). Neste sentido, cria-se uma necessidade de ressignificação da prática pedagógica do professor de educação especial através da formação continuada.

Como justificativa para essa escrita desponta a necessidade de analisar o desenvolvimento pedagógico do professor de educação especial frente a alunos diagnosticados autistas, suas dificuldades, metodologias e atividades pedagógicas que auxiliem no desenvolvimento social deste aluno, considerando que “[...] a escola (tendo o professor como mediador) possui papel fundamental nos esforços para ultrapassar os déficits sociais dessas



crianças” (Cunha *et al.*, 2019 p. 6). Ter habilidades e competências para desenvolver o trabalho com alunos PcD’s é responsabilidade do docente, para isso surge o seguinte questionamento: O que dizem as literaturas em relação a prática docente e sua relação com o Transtorno do Espectro Autista?

Quando falamos de TEA, estamos tratando de 10% da população brasileira, que têm direito a uma educação inclusiva. Para isso, é necessário conhecer os principais aspectos do espectro e como isso deve ser tratado no âmbito educacional e social (IBGE, 2022). A importância de entender todas as formas do espectro está voltada a inserção desta pessoa na sociedade e nas escolas, para que esta também tenha direitos e deveres como todo e qualquer cidadão. É papel da escola (através do professor) junto a família trabalhar para que esta inserção aconteça e para que o TEA tenha melhor qualidade de vida possível. Para essa pesquisa foi escolhida como metodologia o estudo de caso e a pesquisa de campo, como forma de materializar, pela vivência docente, o fazer pedagógico que agrega e inclui na educação especial.

2. METODOLOGIA DE PESQUISA

Entendemos por pesquisa a atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula o pensamento e ação, ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema na vida prática. (Minayo, 1998, p. 17).

O termo pesquisa significa, segundo o dicionário Aurélio (Ferreira, 2004), “indagação ou busca minuciosa para averiguação da realidade; investigação, inquirição”. Além disso, também significa “investigação e estudo, minudentes e sistemáticos, com o fim de descobrir ou estabelecer fatos ou princípios relativos a um campo qualquer do conhecimento”.

Essas definições ajudam a compreender a pesquisa como uma ação de conhecimento da realidade, um processo de investigação minucioso e sistemático, seja ela natural ou social. O importante aqui é compreender a pesquisa como uma ferramenta de produção de conhecimentos para a compreensão de uma dada realidade, isso é, conhecimentos que auxiliem na sua interpretação.

A pesquisa, como afirma Santos (1989), é a “prática social de conhecimento”. Esse autor reforça o caráter social da atividade de pesquisa, conferindo-lhe como objetivo último o



conhecimento para a vida social. Temos, ainda, definições de pesquisa que a relacionam com o método, com a sistematização dos conhecimentos.

Pesquisa é um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. [...]. A pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos [...] ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados. (Gil, 1996, p. 20).

Dentro dessa sistematização, o delineamento desse estudo se caracteriza por ser direto, sendo realizada a pesquisa de campo para a obtenção de dados sobre um estudo de caso, segundo Lakatos e Marconi (1992), essa prática tem como finalidade extrair informação acerca de um problema ou hipótese, para o qual se procura uma resposta, com finalidade de colher dados relevantes para uma análise posterior.

A pesquisa de campo, portanto, caracteriza-se pela ida do pesquisador ao campo para coletas de dados, com o objetivo de compreender os fenômenos que neles ocorrem. Com características de natureza qualitativa visa uma melhor análise das falas, vivências, ideologias e pessoas diferenciadas entre si de acordo com suas naturezas humanas, por ser uma forma de exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema que se pretende investigar (Minayo; Deslandes; Gomes, 2009).

Seu teor exploratório demonstra um estudo empírico que busca a definição de questões ou problema, visando aumentar a aproximação do pesquisador com o seu objeto de estudo, para a realização de uma pesquisa mais epistêmica, uma sistematização necessária à observação das análises de dados, cuja descrição quanti-qualitativa, possibilita um vasto leque de procedimentos de coleta de dados, como entrevista, observação participante, análise de conteúdo, entre outros (Lakatos; Marconi, 1992).

Nesse sentido, buscasse conhecer, significar, compreender todas as situações vividas na intenção de desvendar os mistérios sobre o funcionamento da vida em suas mais variadas dimensões. Todo conhecimento tem como objetivo, então, a convivência dos sujeitos com o mundo e as realidades que os cercam – uma convivência compreendida, significada, científica.

Agir sobre o mundo para transformá-lo exige compreensão e interpretação do mesmo. A busca do conhecimento é uma atitude essencialmente humana; buscar compreender e dar significado para o mundo e as coisas é uma atitude epistemológica e empírica que faz parte da

essência do ser humano, um viés propício à metodologia da pesquisa em uma educação inclusiva.

3. TEA: HISTÓRIA, DEFINIÇÃO E CONCEITO

O termo "autismo" é oriundo da palavra grega "autos" que significa "próprio" ou "de si mesmo". Historicamente, muitas descrições do conceito de autismo já tinham sido anteriormente aceitas como referências a crianças invulgares, tais como Vitor, o rapaz selvagem de Aveyron, estudado por Itard em 1801 (Marques, 1998). O termo autista foi introduzido na literatura psiquiátrica em 1906, por Plouller. Em 1911, começou a ser difundido por Bleuler para referir-se ao quadro de esquizofrenia (Kuperstein & Missalgia, 2005).

Em 1943, através dos estudos de Kanner, começa a ser fazer uma delimitação através de pesquisas científicas sobre o Autismo. Para Marques (1998), Frith (1996), Pereira (1999) e Falcão (1999), entre outros autores, Kanner se esforçou para conferir ao autismo uma identidade diferenciada e diferenciadora das perturbações do desenvolvimento até ao momento descritas. Para Kanner existiam dois aspectos característicos de crianças com autismo: preferência a rotinas repetitivas e isolamento extremo (Pereira, 1996).

Esse autor relata grandes alterações que foram sendo introduzidas ao longo dos anos. Uma destas encontra-se relacionada com o fato de assumir o autismo como uma perturbação pervasiva do desenvolvimento, caracterizada por três grupos de comportamentos, com diversas expressões: disfunções sociais; perturbações na comunicação e no jogo imaginativo; interesses e atividades restritas e repetitivas.

Para Wing, 1976, os indivíduos com autismo apresentam défices específicos em três áreas: imaginação, socialização e comunicação, o que ficou conhecido por "Triade de Wing" (Frith, 1994, 1996; Leal, 1996; Marques, 1998; Pereira, 1996). Entretanto, Pereira (1996, p. 17), faz uma ressalva aos estudos de Wing, argumentando que havendo um crescente consenso de que o autismo pode ser causado biologicamente por diversos fatores etiológicos, e difícil de definir, Wing elaborou o conceito de um «continuum» ou «espectro» autista".

O autismo é uma síndrome representada por um distúrbio difuso do desenvolvimento da personalidade. Assim, o autor defende que este transtorno é caracterizado pela incapacidade da criança em desenvolver interações sociais normais ou uma linguagem comunicativa; são igualmente típicas a extrema obsessividade, preocupação, perseverança, resistência a mudanças



e as ações estereotipadas. No que diz respeito a linguagem, sua opinião é que quando chega a desenvolver-se, é caracterizada pela pobreza pragmática e semântica. Segundo esta perspectiva, o autismo é considerado um distúrbio do desenvolvimento cerebral, embora de etiologia incerta.

Diversos autores consideram ainda que o autismo é uma disfunção neurológica que se presume surgir no nascimento e que se manifesta antes dos três anos de idade. Trata-se de uma perturbação desenvolvimental que afeta a capacidade da pessoa comunicar, entender a linguagem, jogar e interagir com outros, diante disto, é uma síndrome de comportamento, pois pode ser definida com base nos padrões de comportamento exibidos. Estes autores ressaltam que, o autismo não é uma doença, nem tão pouco é contagioso, não havendo indícios de que se adquira através do contato com o meio.

Infelizmente, um dos maiores desafios da atualidade é proporcionar uma educação para todos, sem distinções, além de assegurar um trabalho educativo organizado e adaptado para atender às necessidades educacionais especiais dos alunos. Nessa perspectiva, um aluno tem necessidades educacionais especiais quando apresenta dificuldades maiores que o restante dos alunos da sua idade para aprender o que está sendo previsto no currículo, precisando, assim, de caminhos alternativos para alcançar este aprendizado.

Os professores devem ter habilidades e domínio a respeito do desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, dando ênfase a educação que busca alcançar a igualdade, a transformação e a inclusão de todos os indivíduos, discutindo a prática docente e falando sobre o exercício de profissão de indivíduos, que conhecem uma metodologia, educam e produzem, e além disso, esforçam-se para que exista aprendizado e desenvolvimento de outrem (Arroyo, 2020).

Respeitar a autonomia e identidade do discente é o maior exemplo de ressignificação da prática docente, considerando que, existe ainda uma educação pautada na anulação de opinião do ouvinte, sendo o pensamento docente superior a isso, o que vai de encontro ao pensamento freiriano, que enfatiza uma educação baseada na interação entre educar e aprender, que requer observação rigorosamente metodológica; realização de pesquisas; respeito pelo conhecimento particular de cada aluno; exercício do pensamento crítico; respeito a ética e a estética; arriscar e aceitar o novo, enquanto rejeita qualquer forma de discriminação; refletir criticamente sobre práticas educacionais e assumir uma identidade cultural. Segundo Oliveira (2022, p. 1),

a inclusão de crianças com deficiência e Necessidades Educativas Especiais (NEE) no ensino infantil é de grande importância e essencial no convívio destas na escola, pois é a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação. Nessa modalidade de



ensino, são inúmeras as vantagens e desvantagens da fundamentação das práticas da Educação Inclusiva e as dificuldades que a escola e, principalmente, os professores encontram ao trabalharem com a inclusão dos alunos com NEE.

Entende-se que a inclusão deste aluno é importante para todos os outros processos referentes ao desenvolvimento e ensino/aprendizagem. Por isto o docente tem que desenvolver técnicas para que a inclusão ocorra. Sentir-se parte da turma/escola, fará com que o aluno autista tenha mais desempenho no seu desenvolvimento. Embora esta inclusão seja precisa, se revela difícil, pois o TEA pode apresentar diferentes aspectos em sua condição e resistir naturalmente aos processos de interação, socialização, comunicação e outros.

Frente estas dificuldades, é necessário que haja o ressignificar da prática docente, fazendo com essa prática seja eficiente, viável e assertiva para o desenvolvimento, inclusão e promoção de aprendizagem do aluno autista, dando um novo significado no ensinar. Para isso, a mudança na docência precisa ocorrer deste o processo de formação do professor, que se distancia da prática, por isso recomenda-se que o professor busque uma formação específica continuada. Santos *et al.* (2020 p. 4) conclui que

é imprescindível que o professor busque a formação continuada, procurando, assim, preencher essa lacuna existente em sua formação inicial, para estar apto às diversas situações que necessitam da educação especial e inclusiva. Entende-se, portanto, que é inegável a relevância da articulação da teoria com as práticas, no cotidiano escolar, visto que, muitas vezes, as ações do docente são marcadas por alienações sociais, ou seja, pela criação de rótulos para as pessoas com deficiência, vendo-as como incapazes, contribuindo, assim, para ensinos fragilizados, devido à ausência de conhecimento científico, dando lugar ao senso comum. Por isso, os profissionais da educação devem estar em constante reflexões das suas estratégias pedagógicas, constituindo um papel de agente transformador da realidade educacional inclusiva.

A adoção da formação continuada por docentes certamente promove melhores habilidades e competências na educação de criança com o espectro. Além disso, são necessárias outras práticas para ressignificar o processo de ensino para alunos do AEE, como articulação entre escola e família para desenvolvimento da criança autista; acesso a recursos necessários para desenvolvimento de atividades pelos docentes, oferecidos pela instituição; desenvolvimento de metodologias ativas para práticas pedagógicas com os alunos; inserção do processo de inclusão de alunos do AEE com TEA nas escolas por meio do docente. A formação continuada pode oferecer para o professor melhor entendimento sobre a condição, como lidar com o autista para seu desenvolvimento pessoal, comportamental, cognitivo, oferecendo metodologias alternativas que possam atrair a atenção do aluno, de maneira que este possa ter melhor atenção e sucesso nos processos de aprendizagem.



4. ESTUDO DE CASO: A RELAÇÃO DE UM PROFESSOR COM UM ALUNO AUTISTA E O PROCESSO DE INCLUSÃO NA TURMA

A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino regular representa um grande desafio, tanto para a equipe pedagógica quanto para os próprios estudantes. Este estudo de caso busca analisar como um professor lidou com o processo de inclusão de um aluno autista em uma turma regular de ensino fundamental, destacando as estratégias pedagógicas adotadas, os desafios enfrentados, as interações sociais e o impacto da inclusão no ambiente escolar. Os dados como nome do professor foram mantidos, apenas do aluno e da escola, permaneceram no anonimato, receberam nomes fictícios para preservar suas identidades e evitar exposição do aluno.

A escola Municipal de Ensino Fundamental Maria de Lourdes Santos Galúcio, onde o estudo foi realizado é uma instituição pública localizada na região metropolitana de Belém do Pará. A turma tem 31 alunos, com idades variando entre 8 e 10 anos, e o professor Mateus é o responsável, tem 15 anos de experiência e uma vasta formação e experiências com projetos sociais, conforme nota de rodapé, mas sem uma especialização em educação inclusiva. O aluno em questão, Guilherme, tem 9 anos e foi diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista de grau leve, se comporta com um bebê.

Ele se caracteriza por dificuldades na comunicação social e comportamentos repetitivos e evasivos. Guilherme começou a frequentar a escola na primeira série, e a inclusão se deu a partir do segundo semestre, após um processo de avaliação realizado pelo serviço de psicologia educacional da rede municipal de ensino, porém não faz nenhum acompanhamento médico especializado e a família não aceita a condição de saúde do aluno, professor Mateus se ofereceu várias vezes ao longo de 2024, para elaborar relatório pedagógico do aluno, porém a família é ausente da escola, segundo a mãe o pai não aceita que o filho tenha TEA, o que dificulta e muito o trabalho do professor e prejudica a saúde do aluno, que deixa de ter um atendimento precoce.

Quando Guilherme começou a frequentar a escola, o professor e os demais alunos não estavam preparados para lidar com as especificidades de seu comportamento. Guilherme demonstrava interesse por atividades que envolviam sequências e padrões, mas apresentava dificuldades de interação com os colegas e com o professor. Sua linguagem era muitas vezes



imprecisa, e ele tendia a se afastar dos grupos durante todas as atividades coletivas, sempre inventando desculpas para ir ao banheiro para se isolar.

O professor, inicialmente, não tinha um entendimento profundo do TEA e das adaptações necessárias para promover uma educação inclusiva eficaz. Por isso, o primeiro passo foi buscar orientação com a equipe pedagógica e realizar cursos de capacitação sobre educação inclusiva e como lidar com crianças no espectro autista.

O professor adotou uma série de estratégias para promover a inclusão de Guilherme na turma, baseadas em suas observações do comportamento do aluno e nas orientações recebidas da equipe pedagógica. A seguir, destacam-se algumas das principais ações:

✓ Adaptação do Ambiente Escolar

O professor, juntamente com a coordenação pedagógica, fez adaptações no ambiente escolar para tornar a sala de aula mais acessível para Guilherme. Isso incluiu: Criação de um espaço tranquilo para o aluno, onde ele poderia se retirar quando se sentisse sobrecarregado e acomodação preferencial em um lugar da sala onde pudesse observar melhor os materiais didáticos e o quadro, sem distrações externas.

✓ Alteração na Metodologia de Ensino

A metodologia de ensino foi modificada para atender melhor às necessidades de Guilherme e facilitar sua interação com os colegas. Entre as mudanças, destacam-se: Ensino visual: Utilização de recursos visuais, como cartões com símbolos, diagramas e imagens, para ajudar Guilherme a entender melhor as instruções; Rotinas estruturadas: As atividades passaram a ser mais previsíveis, com horários e tarefas bem definidos.

Isso ajudou Guilherme a se sentir mais seguro no ambiente escolar; Atividades práticas e sequenciais: O professor incentivou atividades que envolviam etapas bem definidas, como quebra-cabeças e jogos de lógica, que eram do interesse de Guilherme e ajudavam a aumentar sua participação na turma, já que pintura e colagem demais deixava o aluno estressado e com apatia educacional.

Por ser dançarino, o professor Mateus levava com frequência os alunos para a quadra para ensinar alguma coreografia para algum momento específico da escola, fazendo com que



os demais alunos com necessidades educacionais especiais participassem de forma inclusiva, rompendo com seu isolamento e aumentando sua interação com os demais colegas. “Esse aspecto performativo da aprendizagem cria uma ferramenta teórica, prática e libertadora oportuna e tendenciosa, já que não apresenta limites para as ações coreográficas ensaiadas” (Galúcio, 2019, p. 107).

✓ Apoio de Profissionais Especializados

A escola não possui apoio de profissionais especializados, o que seria essencial no processo de inclusão. Psicólogos e terapeutas ocupacionais trabalhariam com Guilherme para melhorar suas habilidades de socialização e comunicação. Além disso, uma estagiária de psicologia ou até mesmo um profissional cuidador passaria a acompanhar o aluno durante o horário escolar, auxiliando na mediação de sua interação com os colegas. Tratamento e acompanhamento necessários e que ao longo de 2024, o professor Mateus tentou junto com a coordenação encaminhar a família com aluno para a Rede de Proteção, porém sem sucesso devido à ausência da família na vida escolar do aluno.

✓ Interação Social e Desenvolvimento Emocional

A relação de Guilherme com seus colegas foi gradualmente construída. Inicialmente, ele era visto como diferente pelos outros alunos, o que causava certo isolamento. Para diminuir essa percepção, o professor iniciou atividades de conscientização sobre o autismo, explicando as características do transtorno e desafiando estereótipos, bem como trabalhos em equipe. Algumas das abordagens adotadas incluíram:

- ❖ Dinâmicas de grupo: O professor implementou atividades cooperativas que permitiam aos alunos trabalhar em conjunto, promovendo a empatia e a compreensão mútua.
- ❖ Mediação de conflitos: Quando surgiam situações de mal-entendidos ou exclusão, o professor atuava como mediador, reforçando as habilidades sociais de Guilherme e ajudando os colegas a se colocarem no lugar dele.

✓ Participação de Guilherme em Atividades Acadêmicas



Com o tempo, Guilherme foi se adaptando ao ambiente de sala de aula. Ele passou a se envolver mais nas atividades, especialmente aquelas relacionadas às ciências e arte, áreas nas quais demonstrava grande interesse. O professor incentivou esse interesse, oferecendo tarefas extras e para casa e oportunidades de aprofundamento.

4.1.4 Desafios Enfrentados

Apesar das estratégias adotadas, o processo de inclusão não foi isento de desafios. Alguns dos principais obstáculos encontrados foram:

✓ Resistência Inicial dos Colegas

Alguns alunos demonstraram resistência à interação com Guilherme, devido à sua forma de se comunicar e ao comportamento repetitivo. Isso gerou algumas situações de exclusão, que foram trabalhadas pelo professor com diálogos e atividades de sensibilização.

✓ Dificuldades de Comunicação

Guilherme ainda apresentava dificuldades na comunicação verbal e na interpretação de normas sociais, o que causava frustração tanto nele quanto nos colegas. A estagiária de psicologia ou até mesmo um cuidador teria aqui um papel fundamental ao fornecer apoio contínuo ao aluno nas atividades sociais.

✓ Desafios na Avaliação de Aprendizagem

O professor também enfrentou desafios ao avaliar o progresso de Guilherme. Sua maneira de demonstrar aprendizado era diferente da dos outros alunos, e as avaliações tradicionais definitivamente não são as mais adequadas. Foi necessário adaptar as avaliações para considerar o progresso de Guilherme de maneira mais individualizada, nesse cenário esse

aluno “não mais um mero aluno, um coadjuvante de sua história, mas a própria história, o ator principal de seu destino educacional” (Galúcio, 2019, p. 100).

4.1.5 Resultados e Impactos da Inclusão

Ao final do ano letivo, Guilherme havia demonstrado avanços significativos, tanto no aspecto acadêmico quanto social. Melhorou suas habilidades de comunicação e conseguiu estabelecer amizades mais estreitas com alguns colegas. A turma, por sua vez, também se beneficiou do processo de inclusão, desenvolvendo maior empatia e respeito pelas diferenças, revelando a “relevância social e educacional de se pensar um currículo para além das amarras institucionais” (Galúcio, 2019, p. 97). O professor relatou um crescimento em sua prática pedagógica, aprendendo a ser mais flexível e criativo nas abordagens educacionais. Além disso, a inclusão de Guilherme trouxe uma conscientização maior sobre a importância da diversidade no ambiente escolar.

Constituído por esses relatos e vivências culturais históricas, singulares e coletivas, esse currículo [...] surge como resultado de dinâmicas e interações desses indivíduos, alunos, ex-alunos, professores, ex-professores, uma comunidade dinâmica e plural que, na diferença, revelam as faces desse aprendizado em um universo de infinitas possibilidades chamado escola básica, essa dinâmica interrompe o cotidiano de certas normas ao inventar outras, inverte costumes criando outros. (Galúcio, 2019, p. 96).

Este estudo de caso ilustra como a inclusão de um aluno autista em uma turma regular pode ser bem-sucedida quando há um esforço conjunto de professores, colegas e profissionais especializados, “essa forma inovadora de linguagem [...] para discutir a diferença incorpora uma narrativa carregada de discursividades e enunciações capazes de criar, portanto, novos territórios por onde a educação poderá então transitar” (Galúcio, 2019, p. 98). A relação positiva entre o professor e Guilherme foi crucial para o sucesso do processo de inclusão.

As adaptações feitas na metodologia de ensino e na organização do ambiente escolar permitiram que o aluno se desenvolvesse tanto academicamente quanto socialmente, “é preciso investir contra a hegemonia de um currículo fixo e enraizado em parâmetros educacionais canônicos obsoletos e excludentes” (Galúcio, 2019, p. 99). A experiência demonstra que a inclusão não é apenas um direito, mas uma oportunidade de crescimento para toda a comunidade escolar.



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se que o TEA é uma condição na qual os indivíduos apresentam alguns sintomas que podem limita-lo em relação a interação, socialização e linguagem, além de outros sintomas que são vistos em pessoas com espectro. Por conta dessas limitações que a pessoa autista apresenta, pôde-se observar algumas dificuldades nos processos inclusivos. Entende-se que, a prática docente precisa estar em constante adaptação para promover o melhor desenvolvimento comportamental e cognitivo do espectro.

Entende-se a necessidade da formação continuada para os docentes, considerando que estes precisam sentir-se seguros e preparados para atuar com TEA e outros tipos de transtornos/deficiências, para que possam fazer com que os indivíduos com necessidades especiais sintam que a escola é um lugar seguro, de acolhimento e inclusivo.

Portanto a ressignificação das práticas pedagógicas, os currículos, os espaços físicos sem barreiras, a organização escolar, uma pedagogia que explore conteúdos significativos e os processos de avaliação do aprendizado, as práticas pedagógicas, entre outros pontos relevantes precisam estar presentes no dia-a-dia do professor.

REFERÊNCIAS

CUNHA, P. R.; ET AL, **Transtorno do Espectro Autista: principais formas de tratamento**. UNACAT, 2019.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 3ª Ed. Curitiba: Editora Positivo, 2004.

GALÚCIO, Mateus dos Santos. **Movimentações de um currículo que dança: corpo, gênero e performatividade na educação**. Dissertação de mestrado. Núcleo de Estudos Transdisciplinares em Educação Básica - NEB. Programa de pós-graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica – PPEB. Universidade Federal do Pará. Belém/PA. 189p. 2019.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1996.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do Trabalho Científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1998.



MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 28. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009. 108 p.

OLIVEIRA, B. R. **Dificuldades encontradas pelos professores da Educação infantil no processo de inclusão**. Instituto Federal, Goiás, 2022.

SANTOS, B.S. **Introdução a uma Ciência Pós-Moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SANTOS, A. A. F.; CARVALHO, J. J.; SANTOS, V. M. **Os principais desafios enfrentados pelo pedagogo para a sua Atuação em sala de aula com alunos autistas**. Anais Educon 2020, São Cristóvão/SE, v. 14, n. 2, p. 1-15, set. 2020.